

# Autismo e escola: contexto histórico, sintomas e direitos da criança com Transtorno do Espectro Autista

Cristiane Costa<sup>1</sup>, Dandara Teixeira<sup>2</sup>, Marcos Gabriel<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Minas Gerais/ Faculdade de Pedagogia, cristianecostabs@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Minas Gerais/ Escola de Ciência da Informação, tdsdandara@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Minas Gerais/Faculdade de Letras, marcos.gabriel2018@gmail.com

**Resumo:** O objetivo do presente artigo é discutir a inclusão da criança com Transtorno do Espectro Autista – TEA – no contexto escolar. Para que tal objetivo fosse alcançado, foi realizado uma breve apresentação do contexto histórico no que diz respeito ao diagnóstico de pessoas com esse transtorno. Para conhecimento mais prático, apresentamos os sintomas que os indivíduos com TEA manifestam e que afetam diretamente seu ensino e aprendizagem. Por fim, discorreremos sobre os direitos e as possibilidades de trabalho com essas crianças na sala de aula. Essa produção tem por intenção despertar e auxiliar os professores no desafio da inclusão.

**Palavras-chave:** autismo, inclusão, escolarização, transtorno autístico

## 1. Introdução

O autismo – Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) – é um transtorno invasivo de desenvolvimento que afeta o sistema nervoso e compromete a saúde do indivíduo, causando padrões de comportamento restritivos e repetitivos, dificuldades de comunicação, aprendizado e socialização.

O texto apresentará uma discussão sobre o autismo infantil e dará ênfase a inclusão da criança com Transtorno do Espectro Autista no contexto escolar, tendo em vista que setores sociais como as escolas não tenham dado a adequada importância para esse público, por exemplo, com a elaboração de ações educacionais



que podem minimizar os impactos do transtorno relacionados ao processo de ensino e aprendizagem no âmbito escolar, onde a criança convive regularmente.

Um dos objetivos deste artigo é conscientizar os profissionais da área da educação no desafio da inclusão escolar. De acordo com Camargo e Bosa (2009), oportunizar ao autista a convivência com outras crianças permite que a criança autista desfrute de um ambiente saudável, no qual ela terá uma boa interação social e conseqüentemente um bom desempenho escolar, além de exercer o seu direito à educação e a permanência na rede regular de ensino.

## 2. Contexto histórico do Transtorno do Espectro Autista

Na década de 1940, dois médicos austríacos descobriram simultaneamente a síndrome do autismo, Leo Kanner (1943) e Hans Asperger (1944). O autismo infantil foi denominado inicialmente pelo psiquiatra austríaco Leo Kanner em 1943 como *Distúrbio Autístico do Contato Afetivo*, uma patologia que se estrutura nos primeiros anos da vida. Kanner observou que os indivíduos autistas possuíam peculiaridades comportamentais bastante específicas, por exemplo: déficit no uso da linguagem para comunicação, resistência à mudança ou insistência na monotonia, distúrbios nas relações afetivas entre outras características.

Em 1944, Hans Asperger intitulou o autismo em seu estudo como *Psicopatia Autística*, a partir de uma investigação que apontou características semelhantes às observadas por Kanner, tais como: uso dificultoso da fala, desajeitamento motor e um transtorno na integração social das crianças. O que difere a *Psicopatia Autística*, de Asperger (1944) do *Distúrbio Autístico do Contato Afetivo*, de Kanner (1943), é que para Asperger, as crianças autistas compensavam suas deficiências por um bom nível de inteligência e comunicação (linguagem).

Após as primeiras pesquisas sobre o autismo, na década de 50, houve muita confusão sobre a origem do autismo. A crença mais comum era a possibilidade da “mãe geladeira”, de que o autismo era causado por pais que tratavam seus filhos com frieza afetiva. O psiquiatra Rossano Cabral Lima (2014, p. 111), nos dá a seguinte interpretação sobre essa hipótese de Kanner (1949):



Na maioria dos casos, a gravidez não havia sido bem-vinda e ter filhos era nada mais que uma das obrigações do casamento. A falta de calor materno em relação ao filho ficaria evidente desde a primeira consulta, pois a mãe demonstrava indiferença, distanciamento físico ou mesmo incômodo com a aproximação da criança. A dedicação ao trabalho, o perfeccionismo e a adesão obsessiva a regras seriam outros dos traços dos pais, e os dois últimos explicariam o seu conhecimento de detalhes do desenvolvimento do filho. Mais que isso, os pais muitas vezes se dedicariam a estimular a memória e o vocabulário de sua criança autista, tomando o filho como objeto de “observação e experimentos”. Mantido desde cedo em uma “geladeira que não degela”, o autista se retrairia na tentativa de escapar de tal situação, buscando conforto no isolamento. (2014, p. 111)

Ainda no início da década de 60, cada vez mais evidências começaram a se acumular, o que indicava que o autismo é um transtorno cerebral que existe desde a infância e foi encontrada em todos os países pesquisados daquela época. No ano de 1978, o psiquiatra Michael Rutter classifica o autismo como um *Transtorno Invasivo do Desenvolvimento*, ou *Distúrbio do Desenvolvimento Cognitivo*, noção que foi incorporada pelo DSM-3 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) em 1980, criando um marco na compreensão do autismo.

Em 2013, com a publicação do DSM-V, o autismo ganhou a nova denominação de *Transtorno do Espectro Autista*, na qual se fundiram o autismo, o Transtorno Desintegrativo da Infância e as Síndromes de Asperger e Rett (Araújo & Neto, 2014).

### **3. Sintomas que o indivíduo com TEA apresentam e que afetam diretamente seu ensino e aprendizagem**

As três áreas mais afetadas pelo TEA são: comunicação, interação social e comportamento. Dentro dessas três áreas é possível identificar vários sintomas.

A comunicação é essencial para estabelecer relações, conhecer o mundo e se desenvolver. Crianças com TEA manifestam detrimentos na comunicação, respondem com monossílabas, não conseguem entender expressões emocionais, além de monologar.

Uma vez que a comunicação da criança com TEA apresenta falhas, sua interação fica diretamente prejudicada. As crianças com TEA apresentam dificuldades em: estabelecer contato visual, interessar-se por muito tempo por brincadeiras em grupos, dando preferência para as individuais; dificuldade para interpretar sinais, piadas e expressões de sentido figurado; dificuldade em realizar leitura de expressões



faciais; apresentam episódios de riso em momentos inadequados e dificuldade em exercer a teoria da mente.

Muitos dos rótulos atribuídos às crianças com TEA, estão relacionados ao comportamento que característico de: isolamento, movimentos estereotipados como balançar as mãos, interesse restrito por determinado assunto sensibilidade de sentidos (audição, tato, paladar, visão, olfato), além de excessiva necessidade e dependência de rotina e rituais

Os primeiros sinais do TEA podem surgir já nos primeiros 6 meses de vida e como não há diagnóstico através de exames, o diagnóstico clínico começa a ser realizado através das observações realizadas pela família. No Sistema Único de Saúde é obrigatória a aplicação do teste M-chat por Pediatras em bebês de até 36 meses para a identificação dos sinais e a indicação de investigação com especialistas, caso seja necessário.

#### **4. Direitos e as possibilidades de trabalho com essas crianças na sala de aula**

A criança autista, assim como todo cidadão brasileiro, tem direito a educação e a permanência na rede regular de ensino assegurado pela Constituição Federal Brasileira de 1988. O governo ainda deve prover serviços de apoio especializado na escola regular para atender a singularidade dos alunos que necessitam de uma educação especial, assegurados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96. Artigo 58.

Em 2008 o serviço de Atendimento Educacional Especializado (AEE), que “identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acesso, que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas” (SEESP/MEC, 2008). Esse profissional, especializado em Educação Inclusiva, costuma utilizar o método TEACH – Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits relacionados com a Comunicação – baseado em uma avaliação que aponta as preferências e as dificuldades da criança autista, buscando adaptações no ambiente e tarefas, criando também um sistema de comunicação. Lembrando que toda criança autista tem direito a um acompanhante especializado no ambiente escolar, desde que seja comprovada a sua necessidade, de acordo com a Lei nº 12.764/2012.



Nos dias de hoje, existem alguns métodos simples que podem ser utilizados por qualquer profissional da educação para que haja uma melhoria contínua no aprendizado da criança autista no âmbito escolar. Pequenas atitudes, como realizar atividades curtas, utilização de imagens e gestos simples para melhor compreensão, fazer uso de materiais que são da preferência da criança, explicações breves e estimular atividades de interação mínima podem fazer com que a criança acompanhe melhor as aulas, consiga absorver todo conteúdo apresentado e se desenvolva cognitivamente.

## 5. Conclusão

Após um longo percurso de estudos científicos e teóricos que se iniciou na década de 1940 para a definição e diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA), finalmente em 2013 com o DSM V, o transtorno passa a ocupar, sem subdivisões, a categoria dos Transtornos do Neurodesenvolvimento.

Conhecer as características básicas do TEA possibilita que o professor reveja suas práticas e invista em estratégias pedagógicas que favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento da criança, não somente a apropriação de conhecimento técnico, como também no alcance da autonomia e independência saudável desse sujeito.

Na esfera legal, temos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96. Artigo 58 para fundamentar essa inclusão.

Crianças com TEA possuem direito ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), que garanta sua participação e acesso aos conhecimentos escolares de forma que respeite a sua condição, incluindo PDI - Plano de Desenvolvimento Individual, quando necessário, assim o currículo é adaptado para a criança de acordo com aquilo que é mais importante atingir em termos educacionais.

A inclusão deve ser feita de forma intencional e com objetivos claros. Conhecer a realidade de vida da criança e estabelecer parceria com a família podem facilitar e melhorar o processo de inclusão para todos. É importante que as escolas promovam um ambiente acolhedor e atividades pedagógicas que se encaixem no perfil da criança autista, para que ela possa receber um ensino de qualidade e se sentir incluída.

## Referências

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher and BOSA, Cleonice Alves. **Competência social, inclusão escolar e autismo: um estudo de caso comparativo**. Psic.: Teor. e Pesq. [online]. 2012, vol.28, n.3, pp.315-324. ISSN 0102-3772. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000300007>>. Acesso em: 15 fev. de 2021

TAMANAHA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; CHIARI, Brasília Maria. **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger**. Rev. soc. bras. fonoaudiol. São Paulo, v. 13, n. 3, p. 296-299, 2008. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-80342008000300015&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-80342008000300015&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 15 fev. de 2021.

Convida educação. Página disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/2204/atendimento-educacional-especializado-o-que-e-para-quem-e-e-como-dever-ser-feito>>. Acesso em: 04 fev. de 2021.

JUSBRASIL. Página disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96#art-58>>. Acesso em: 04 fev. de 2021.

KANNER, Leo. **Les troubles autistiques du contact affectif**. Tradução de Martine Rosenberg. ARAPI, pp. 5-27, jun. 1995. Disponível em: <<http://www.resodys.org/IMG/pdf/kanner-scan.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2021.

Klin, Ami. **Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral**. Rev. Bras. Psiquiatr. vol.28 suppl.1 São Paulo May 2006

LIMA, Rossano Cabral. **A Construção Histórica do Autismo (1943-1983)**. Ciências Humanas e Sociais em Revista, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1,p. 109-123, 2014.

OLIVEIRA, Leny; BARBOSA, Zenilda. **Desafios do Ensino Aprendizagem da Criança Autista na Educação Infantil**. 2018. Disponível em: <<https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/desafios-do-ensino-aprendizagem-da-crianca-autista-na-educacao-infantil.pdf>>. Acessado em: 04/02/2021

Ponce, J. O., & Abrão, J. L. F. (2019). **Autismo e inclusão no ensino regular: o olhar dos professores sobre esse processo**. Estilos Da Clínica, 24(2), 342-357.

SANTOS, Bianca Goulart. **A Garantia do Direito à Educação da Criança Autista**. PUCRS, 2018. Disponível em: [https://www.pucrs.br/direito/wp-content/uploads/sites/11/2018/09/bianca\\_santos.pdf](https://www.pucrs.br/direito/wp-content/uploads/sites/11/2018/09/bianca_santos.pdf). Acessado em: 04/02/2021

SANTOS, M. C. D; MANTOAN, M. T. E; FIGUEIREDO, V. F. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar**. São Paulo: MEC/SEESP, 2009